

CONSCIÊNCIA FONÊMICA PARA QUE(M)?

Dalva M. A. Godoy

Alfabetização e modos de aprender e de ensinar

Resumo: A importância da consciência fonológica para a aprendizagem do sistema alfabético de escrita é extensamente demonstrada no campo da Ciência da Leitura, o que tem fornecido amplas evidências para compreender como se constitui o processo de aprender a ler. A consciência fonológica é observada em três níveis distintos e dissociados: rima, sílaba e fonema, sendo o nível fonêmico condicionado à aprendizagem alfabética. Neste trabalho objetiva-se apresentar uma síntese do mecanismo cognitivo-linguístico que possibilita a transformação do signo gráfico em uma representação de fala e demonstrar, mediante resultados de algumas pesquisas brasileiras, que habilidades sustentam essa atividade e a contribuição da consciência fonêmica para a aprendizagem da ortografia do Português brasileiro. Os estudos apresentados se referem a duas pesquisas de cunho longitudinal: uma em que foram comparadas duas abordagens de alfabetização, Montessori e Construtivista e outra em que se utilizou de um programa de estimulação de consciência fonológica e correspondências grafema-fonema durante um ano letivo. Os participantes foram estudantes em início de alfabetização. Os resultados colocam em evidência a contribuição da consciência fonêmica como habilidade que facilitou a aprendizagem da leitura entre escolares do 1º ano.

Palavras-chave: consciência fonológica; alfabetização; aprender a ler; leitura.

Introdução

Ler e escrever se caracteriza por um processo culturalmente determinado e se constitui de uma operação cognitiva complexa em que estão envolvidas inúmeras capacidades e habilidades, dentre as quais podemos nomear: memória, inteligência, atenção, percepção auditiva e visual, controle e destreza motora, e sobretudo, habilidades da linguagem oral. Muitas dessas habilidades já se encontram desenvolvidas durante a fase pré-

escolar, mas é necessário desenvolver habilidades específicas que garantam aprender um mecanismo capaz de transformar a informação visual em uma representação de fala.

Para transformar o signo gráfico em uma representação de fala, a informação visual presente em uma palavra escrita, precisa ser transformada em uma informação linguística, ou seja, em uma representação fonológica. Esse processo de identificação de palavras permite ao leitor acessar o significado de uma palavra, também denominado acesso lexical, e prosseguir com as relações gramaticais e de sentido. O processo que se segue, o de compreensão, é recrutado das habilidades da linguagem oral e envolve conhecimento prévio, conhecimento de mundo, domínio de vocabulário, capacidade de fazer inferências, bem como envolve capacidades cognitivas como atenção e automonitoramento. Assim, ler é uma atividade cognitiva complexa envolvendo dois grandes grupos de habilidades: as da linguagem oral e as de reconhecimento do signo gráfico.

Quando a criança chega ao período de alfabetização ela precisa aprender como transformar “letras em som”¹ e uma vez alcançada a pronúncia, o significado, das palavras, a porta está aberta para acessar o conhecimento linguístico. Este aprendizado inicial é o que caracteriza, nas palavras de Magda Soares (2016), a “faceta linguística”, o cerne da alfabetização. Este aprendizado é conhecido pela Ciência da Leitura como “mecanismo de reconhecimento de palavras escritas” (COLTHEART, 2013) e se constitui no mecanismo específico da leitura, isto é, um aprendizado que serve apenas e tão somente à atividade de ler.

Este trabalho busca colocar em evidência o processo cognitivo-linguístico que explica “como se aprender a ler” e destacar a importância de habilidades e conhecimentos que sustentam esse processo. A partir dessa explicação, traz resultados de algumas pesquisas brasileiras sobre a contribuição da consciência fonêmica para a alfabetização.

O Que É O Mecanismo De Reconhecimento De Palavras Escritas Ou O Modelo De Dupla Via?

O modelo de dupla via admite que a informação visual pode acessar a informação linguística por meio de dois caminhos: por um processo passo-a-passo, denominado via fonológica, e pelo pareamento direto entre a representação ortográfica da palavra escrita e sua correspondente representação fonológica, denominado via lexical.

¹ A expressão “letras em som” é usada no senso comum, a forma acadêmica é “grafemas em fonemas”.

A via fonológica utiliza as regras de correspondência grafofonológicas para realizar a conversão fonológica num processo “passo-a-passo”, correntemente conhecido como “decodificação”. Já a via lexical leva em consideração a representação ortográfica da palavra armazenada no léxico mental ortográfico para convertê-la em pronúncia.

O modelo de dupla-via defende que algumas habilidades estão na base do desenvolvimento do mecanismo de reconhecimento de palavras escritas: a consciência fonológica (C.FO), especificamente a consciência fonêmica (C.FONÊ), e o conhecimento das correspondências grafema-fonema (no caso da leitura), responsáveis por desenvolver a via fonológica; e a memória, que está diretamente ligada ao funcionamento da via lexical. Para o modelo é o exercício exitoso da via fonológica que desenvolve a via lexical: à medida que novas palavras são “decodificadas” com sucesso, elas vão sendo armazenadas no léxico mental ortográfico e podem, em uma outra ocasião dar à leitura maior rapidez. De acordo com a literatura, de 3 a 4 vezes que uma palavra é decodificada com êxito, sua representação ortográfica vai se fixando na memória (DEHAENE, 2012).

Para que o sistema cognitivo desenvolva a via fonológica é preciso compreender o princípio alfabético: de que as “letras²” representam fonemas. O fonema não está explícito na cadeia sonora da fala e, portanto, é necessário analisar a fala e descobrir a identidade do fonema. Essa é a chave do sistema de escrita alfabético! Mas não basta descobrir a existência do fonema, é preciso, para dar-lhe concretude, atribuir-lhe uma forma física: o grafema. Por isso, o conhecimento das correspondências grafema-fonema está intrinsecamente ligado ao desenvolvimento da consciência fonêmica (C.FONÊ) e à habilidade de leitura.

À medida que o aprendiz vai automatizando o conhecimento sobre as relações grafema-fonema ele é capaz de ler com maior destreza mais palavras novas e, com isso, alimenta o léxico ortográfico, ou seja, a via lexical, conferindo então ao processo de aprendizagem da leitura maior autonomia e fluência.

Uma das descobertas mais significativas dos últimos 50 anos diz respeito ao papel crucial das habilidades de C.FO para a alfabetização. Sabe-se que a C.FO, mais especificamente, a C.FONÊ, uma habilidade que só se desenvolve quando se é exposto ao sistema de escrita alfabético, é o mais forte fator preditivo de sucesso para a aprendizagem da leitura e da escrita e se constitui em um dos pilares da alfabetização (HEMPENSTALL, 2016).

² A rigor, grafemas representam fonemas, pois as letras são os caracteres utilizados para “grafar” o grafema. Veja-se o caso, por exemplo, da letra “c”, o grafema “c” em “casa” representa o fonema /k/ e na palavra “cisne” representa o fonema /s/.

O Que É E Como Se Desenvolve A Consciência Fonológica?

A criança, antes de ser alfabetizada, acumula o conhecimento e o domínio sobre a linguagem oral. Esse domínio implica em um conhecimento fonológico de forma inconsciente. Uma das habilidades fonológicas encontradas em crianças pré-escolares é a capacidade de perceber e contar o número de sílabas de uma palavra, bem como a de perceber e produzir rimas lexicais (anel – pastel – chapéu; chão – pião - alemão). Para aprender a ler (e a escrever), no entanto, em um sistema alfabético de escrita, é necessário que a criança redirecione sua atenção não mais para o significado dos enunciados da fala, mas para a estrutura fonológica das palavras, ou seja, aqueles conhecimentos implícitos sobre a fala devem se tornar explícitos, conscientes, o que é denominado de “conhecimento metalinguístico”. Dentre esses conhecimentos de reflexão e análise intencional sobre as estruturas da fala, a C.FO, observada ao nível da rima, da sílaba e do fonema, tem sido apontada como uma habilidade que precisa ser estimulada e trabalhada desde a educação infantil e sobretudo na fase de alfabetização, pois tal habilidade facilita a aprendizagem alfabética futura (HEMPENSTALL, 2016).

O desenvolvimento da C.FO, em níveis mais baixos, no nível da rima e da sílaba, depende de fatores maturacionais e do ambiente linguístico, ou seja, é da ordem do espontâneo. Por volta de 3 anos uma criança é capaz de prestar atenção (e se divertir) com o jogo de palavras que “combinam” em uma música. Por volta dos 4 anos constatamos as crianças utilizando a segmentação silábica em várias de suas brincadeiras. Entretanto, níveis mais altos de C.FO, de nível fonêmico, estão na dependência da aprendizagem de um sistema alfabético. Em outros sistemas de escrita, como o ideográfico ou silábico, a C.FONÊ não é recrutada, portanto, este é o ponto crucial da aprendizagem alfabética: descobrir o fonema, uma vez que ele não se encontra explícito na cadeia sonora da fala.

Uma vez que os níveis de C.FO, de rima e de sílaba, se desenvolvem através da experiência linguística são eles também os que favorecem o aparecimento da identificação do fonema no início da escolarização, ou seja, são precursores, ajudando a criança a compreender o princípio alfabético. A partir dessa compreensão, o desenvolvimento da C.FONÊ marca a facilidade ou dificuldade de aprendizagem da leitura e da escrita (WIMMER *et al.*, 1991). Por isso, bons níveis de desempenho em C.FO na fase pré-leitora favorecem o desenvolvimento da C.FONÊ e, conseqüentemente, a aprendizagem alfabética.

A Importância Da Consciência Fonológica Se Aplica À Aprendizagem Do Português Brasileiro?

A pesquisa internacional destacou a C.FONÊ como fator indiscutível dos desempenhos em leitura e escrita, por exemplo em ortografias europeias, mostrando nuances dessa contribuição conforme a ortografia seja mais ou menos transparente. Em ortografias transparentes o desenvolvimento da C.FONÊ é facilitado pelas relações grafema-fonema guiadas por regras consistentes e sua influência torna-se mais evidente bem ao início do processo de alfabetização, durante o período denominado “crítico” (SEYMOUR, 1999).

A ortografia do português do Brasil (PB) está entre as ortografias consideradas transparentes (SCLIAR-CABRAL, 2023; DEHAENE, 2012). O PB se caracteriza como uma ortografia mais transparente que o português europeu e mais opaca que o espanhol, sobretudo para a leitura e, com certo grau de opacidade, para a escrita. Esta característica, comum a muitas ortografias, faz com que a escrita se desenvolva mais lentamente do que a leitura, até mesmo porque a escrita ao ser uma habilidade de expressão recruta planejamento e controle e, mais especificamente, capacidade motora associada.

As pesquisas brasileiras que diretamente têm investigado a contribuição da C.FO para a aprendizagem inicial da língua escrita estão largamente documentadas nos últimos 25 anos (ver, por exemplo, GODOY; FORTUNATO; PAIANO, 2014). Não é objetivo neste pequeno artigo fazer uma revisão bibliográfica, mas tão somente ilustrar tal contribuição com resultados de pesquisas. Dessa forma, passo a descrever algumas pesquisas desenvolvidas no bojo do Laboratório PROLINGUAGEM da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC que confirmam esses achados.

Alfabetização E Consciência Fonêmica – Resultados de Pesquisas

As pesquisas aqui reportadas se caracterizam por estudos do tipo longitudinal e de intervenção, duas metodologias empregadas para se buscar a relação causal entre variáveis.

O desenvolvimento inicial da leitura foi investigado acompanhando dois grupos de crianças, de duas escolas com abordagens metodológicas de alfabetização diferentes: Montessori e Construtivista, durante dois anos. As coletas de dados foram realizadas em três momentos: T1 – ao início do 1º ano; T2 – ao final do 1º ano; T3 – ao final do 2º ano. O objetivo do estudo foi identificar a força preditiva da consciência fonológica sobre a aprendizagem da

leitura e possíveis impactos do método de alfabetização sobre essa aprendizagem. Os participantes (41) foram avaliados (T1 – T2 – T3) em leitura de palavras, consciência fonológica e conhecimento de grafemas. A análise levou em conta os três momentos de coleta para saber qual, dentre as habilidades de C.FO, era capaz de predizer futuros desempenhos em leitura. Os resultados mostraram que a habilidade de consciência fonêmica, presente em T1, foi o mais forte fator preditivo dos desempenhos em leitura ao final do 2º ano (T3). Ao longo dos três momentos foi possível observar um rápido aumento nos desempenhos de C.FONÊ, logo ao início do processo de alfabetização (de T1 para T2), para ambos os grupos, no entanto, o grupo Montessoriano, em T2, apresentou desempenhos maiores que os do grupo do Construtivismo (GODOY; PINHEIRO, 2018).

Com relação ao desenvolvimento da leitura, os dois grupos partiram do mesmo nível de aprendizagem em T1 e desenvolveram satisfatoriamente a leitura em T2 e T3, mas o grupo Montessoriano mostrou maior desempenho em leitura do que o grupo do Construtivismo em T2. A hipótese é a de que aquele grupo desenvolveu mais rapidamente a via fonológica e a via lexical, a partir dos melhores desempenhos em consciência fonêmica em T2, o que favoreceu a leitura mais eficiente.

Esses resultados confirmam a contribuição específica da C.FONÊ para alavancar o início da aprendizagem da leitura no PB, sobretudo quando o método fônico é aplicado (caso da abordagem Montessori) e destaca essa habilidade como fator preditivo de êxito para esta aprendizagem. Os resultados também confirmam os da literatura internacional ao afirmar que a facilidade, ou a dificuldade, em desenvolver C.FONÊ bem ao início do processo de alfabetização em uma ortografia transparente, podem ser um diferencial para a aprendizagem exitosa da leitura.

Em outro estudo longitudinal, que contou com período de intervenção, 10 turmas (148 participantes) de 1º ano foram acompanhadas em seu processo de alfabetização (SILVA, 2023). Enquanto 5 turmas (74 participantes) receberam durante o ano letivo um programa de estimulação de consciência fonológica e das correspondências grafema-fonema, o que caracterizou o Grupo Experimental (GE), as outras 5 turmas não receberam o programa e denominou-se de Grupo Controle (GC). O programa de C.FO foi composto de 30 sessões de 45 minutos cada, uma vez por semana. O objetivo do estudo foi verificar quais, dentre as habilidades do processamento fonológico (consciência fonológica, memória e nomeação automatizada rápida), poderiam figurar como indicadores precoces para risco em desenvolver dislexia.

Ao início do estudo todos os grupos possuíam o mesmo nível de desempenho em C.FO. Ao final do 1º ano o GC havia feito bons progressos em consciência fonológica de nível

silábico (de cerca de 15% para 62%), mas ao nível fonêmico, apresentava cerca de 19,3%. Por sua vez, o GE, que recebeu o programa de estimulação, obteve, ao final do ano, ótimo desempenho no nível silábico, de cerca de 87%, e no nível fonêmico, 53%.

Esse padrão de desempenho também foi observado com relação aos desempenhos em leitura, em ambos os grupos. Ao início do ano o GC e o GE apresentavam desempenho semelhante em leitura de palavras e pseudopalavras (5,7% e 6,1%, respectivamente). Ao final do 1º ano, ambos os grupos fizeram bons progressos em leitura, apresentando escores médios de 32% (GC) e 58,9% (GE). A diferença entre os grupos foi significativa ($p < .005$) a favor do GE.

Atendendo ao objetivo do estudo, análises posteriores buscaram então encontrar qual habilidade do processamento fonológico poderia se caracterizar como indicativo de risco para dislexia. A C.FONÊ resultou como a habilidade de maior impacto para detectar risco em desenvolver dislexia. Após a aplicação do programa de estimulação ao GE algumas poucas crianças (07) ainda não haviam desenvolvido C.FONÊ e apresentavam grande dificuldade em leitura de palavras e pseudopalavras ao final do 1º ano. Posteriormente, tais crianças, permaneciam ainda com dificuldades em leitura no 3º ano com desempenho da ordem de 19%.

Os resultados de Silva (2023) colocaram em evidência a força que a estimulação das habilidades de C.FO, especialmente as de C.FONÊ, exercem sobre a aprendizagem alfabética no PB. Apesar de o programa ter sido realizado com um pequeno número de sessões em sala de aula, 30, os alfabetizandos se beneficiaram extraordinariamente dessas atividades e foram capazes de aprender com maior facilidade a desenvolver o mecanismo de reconhecimento de palavras escritas, ou seja, a decodificar. Dito de outra forma, a estimulação de consciência fonêmica pode auxiliar o professor alfabetizador na tarefa de levar os estudantes a aprender a ler em menor período de tempo superando ocasionalmente algumas das dificuldades que emperram o desenvolvimento fluente da leitura.

Considerações Finais

Este estudo procurou apresentar a base cognitivo-linguística que caracteriza a “faceta linguística” da alfabetização e trazer resultados de pesquisas que têm indiscutivelmente confirmado a contribuição das habilidades de consciência fonêmica para favorecer a aprendizagem inicial do sistema alfabético no PB.

Ambos estudos demonstram a magnitude da importância da consciência fonêmica para a alfabetização, seja pelo caráter desenvolvimental que a própria aprendizagem do sistema alfabético do PB confere a esta habilidade, em razão de sua relação recíproca, seja pela necessidade de estimulação dessa habilidade para conferir aos alfabetizandos melhores condições (facilidade) de aprendizagem, sobretudo àqueles que podem apresentar maior dificuldade em descobrir o fonema na cadeia sonora da fala. Outrossim destaca-se o ensino explícito das correspondências grafema-fonema como elemento propulsor do desenvolvimento da consciência fonêmica.

Referências Bibliográficas

COLTHEART, Max. Modelando a leitura: a abordagem da dupla via. *In*: SNOWLING, M.; HULME, C. (orgs). **A Ciência da Leitura**. Porto Alegre: Editora Penso, 2013, p. 24-41.

DEHAENE, Stanislas. **Os neurônios da Leitura** – como a ciência explica a nossa capacidade de ler. Porto Alegre: Penso, 2012.

GODOY, D. M. A.; PINHEIRO, A. M. V. Desenvolvimento das estratégias de leitura em dois diferentes métodos de alfabetização. **Signo**. Santa Cruz do Sul, v. 43, n. 77, p. 19-31, 2018. <http://orcid.org/0000-0001-9920-8343>

GODOY, D. M. A.; FORTUNATO, N.; PAIANO, A. Panorama da última década de pesquisas com testes de consciência fonológica. **Temas em Psicologia**, v. 22, n. 2, p. 45-60, 2014. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2014.2-04>

HEMPENSTALL, Kerry Read About It: Scientific Evidence for Effective Teaching of Reading. Centre for Independent Studies: Austrália, 2016.

SCLIAR-CABRAL, L. **Princípios do Sistema Alfabético do Português do Brasil**. 2ª edição. Florianópolis: Editora Lili, 2023.

SEYMOUR, P. H. K. Cognitive architecture of early reading. *In*: LUNDBERG, I.; TONNESSEN, F. E.; AUSTAD, I. **Dyslexia: advances in theory and practice**. Netherlands: Kluwer, 1999, p. 59-73.

SILVA, Grazielle Franciosi da **O déficit em consciência fonêmica como fator de risco para dislexia**: um estudo de intervenção com crianças em processo de alfabetização. 2023. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

SOARES, Magda. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016.

WIMMER, H.; LANDERL, K.; LINORTNER, R.; HUMMER, P. The relationship of phonemic awareness to reading acquisition: more consequence than precondition but still important.

Cognition, 40, p. 219-249, 1991.